

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS COM ADOLESCENTES COMO FATOR DE PROTEÇÃO AO BULLYING

Maria Naiara de Oliveira Araújo ¹
Livia Maria Ramos Pereira ²
Valécia Natália Carvalho da Silva ³

RESUMO

A prática do bullying é um fenômeno que ocorre de maneira repetitiva e por tempo prolongado, ocasionando sofrimento psíquico, comprometendo a aprendizagem e o desempenho escolar, perturbando as relações interpessoais e o desenvolvimento socioemocional de crianças e jovens, e diminuindo a sensação de segurança e proteção de todos. Com isso, é papel do psicólogo escolar intervir na prevenção e no combate ao bullying, implementando medidas específicas para cada contexto e trabalhando com o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, visto que, por exemplo, habilidades de empatia, cooperação e resolução de conflitos ajudam na aquisição de comportamentos adaptativos. Este estudo pretende identificar a relevância da atuação do psicólogo escolar no desenvolvimento de habilidades emocionais como fator de proteção ao bullying. Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizada nas bases de dados SciELO e Lilacs, de modo que os estudos com intervenções em adolescentes receberam prioridade. As pesquisas identificaram que as intervenções voltadas para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais podem contribuir para a diminuição dos incidentes de bullying e promover uma resposta assertiva diante dessas situações, além de serem uma importante ferramenta para uma melhor adaptação do adolescente ao seu contexto, desenvolvendo, a longo prazo, formas de comunicação eficaz, meios de regulação emocional e habilidades para resolução de conflitos.

Palavras-chave: Habilidades socioemocionais, Bullying, Violência escolar, Psicologia escolar, Adolescentes.

INTRODUÇÃO

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP) o psicólogo escolar tem a função de promover o desenvolvimento integral dos estudantes e contribuir para a melhoria do ambiente escolar. Ele atua de forma preventiva e interventiva, auxiliando na construção de um ambiente educativo saudável e inclusivo. Contribui para a criação de um ambiente escolar que favoreça o desenvolvimento pleno dos estudantes e o fortalecimento de uma comunidade escolar acolhedora e segura (CFP, 2013).

¹Graduando (a) do Curso de Psicologia da Faculdade de Quixeramobim/FAUniq-CE, arjnaiara@gmail.com;

²Graduando (a) do Curso de Psicologia da Faculdade de Quixeramobim/FAUniq-CE, liviaramos757@gmail.com;

³Doutor (a) em Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia - RENORBIO pela Universidade Federal do Piauí, valeciacs@gmail.com;

Embora o trabalho do psicólogo escolar/educacional tenha inicialmente se concentrado na área clínica, com foco em identificar dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento e questões de personalidade, hoje em dia essa atuação foi revisada e transformada. A profissão agora enfatiza a psicologia escolar em um contexto mais social. Existem, inclusive, diretrizes específicas para a atuação do psicólogo escolar, visando assegurar a qualidade ética e técnica dos profissionais que trabalham nesse ambiente e acolhem essas demandas (CFP, 2013).

Uma das demandas que podem surgir no contexto escolar é o bullying. Ele pode ser caracterizado por ações repetidas de opressão, tirania, agressão e domínio exercidas por uma pessoa ou grupo sobre outros indivíduos, que acabam subjugados pela força dos primeiros. É um problema de saúde pública com natureza complexa e múltiplas dimensões. (Paz e Fraga, 2022). O psicólogo escolar deve desempenhar uma função primordial em ações de prevenção à violência. Inicialmente, é importante compreender as políticas de educação, das características e dinâmicas do território em que a escola está inserida e trabalhar sempre em cooperação com a comunidade escolar. Nesse sentido, a atuação profissional requer, fundamentalmente, o conhecimento e a relação com os estudantes (CFP, 2023).

Uma das intervenções possíveis para essa problemática é a utilização de habilidades socioemocionais, que são um conjunto de competências, conhecimentos e atitudes que permitem lidar com as próprias emoções e as dos outros, além de se relacionar com outras pessoas. São importantes para a vida pessoal e educacional, e podem ser desenvolvidas ao longo da vida (IAS, 2021).

Dito isto, este trabalho tem como intuito relacionar a atuação do psicólogo escolar com o desenvolvimento das habilidades socioemocionais como recurso de proteção contra o bullying. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em bases de dados sobre a temática. Foram encontrados estudos que abordam as formas de bullying, o impacto dessa violência na vida dos estudantes e as estratégias de prevenção e intervenção. Portanto, com base na pesquisa, ficou perceptível que o desenvolvimento dessas habilidades no meio escolar pode ser um meio de prevenção, intervenção e proteção contra essa violência. Entretanto, são necessárias mais pesquisas nessa área para uma prática eficaz e objetiva.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo desse artigo, utilizamos como instrumento metodológico uma revisão simples de literatura acerca do tema. Os artigos foram levantados através de sistemas informatizados de busca. Foram realizadas pesquisas em bases de dados que reúnem trabalhos nacionais e internacionais: *Scielo* (Scientific Electronic Library Online), e *Lilacs* (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). A pesquisa utilizou os termos “habilidades socioemocionais”, “bullying”, “violência escolar”, “psicologia escolar” e “adolescentes”, combinados com operadores booleanos. Para enriquecer a discussão, também foram consultados sites de jornais, revistas e institutos de pesquisa reconhecidos pelo trabalho com habilidades socioemocionais, como o Instituto Ayrton Senna.

Para este artigo foram excluídas as seguintes categorias de trabalhos: artigos não indexados, teses, dissertações, resenhas, livros e capítulos de livros. Foram excluídas, ainda, publicações que se distanciam do tema, como estudos sobre outras formas de violência que ocorrem no contexto escolar. A pesquisa limitou-se a trabalhos publicados nos últimos 5 anos e em língua portuguesa. Na base de dados *Scielo* foram encontrados 37 artigos e selecionado 5, no *Lilacs* foram encontrados 20 e selecionados 2.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo o documento de Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica elaborado pelo Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), para a atuação da Psicologia na Educação é necessário que os profissionais trabalhem pautados no direito universal a educação. Ressalta-se que a atuação da psicóloga escolar consiste na integração de conhecimentos teóricos e métodos específicos para acolhimento, orientação e aconselhamento no contexto da escola, o que difere da atuação da psicóloga clínica. À Psicologia Escolar e Educacional busca um projeto educativo que promova a disseminação de práticas de formação e qualidade acessíveis a todos. Além disso, deve atuar em prol de políticas públicas que permitam o desenvolvimento inclusivo, com foco na superação de processos de exclusão e estigmatização social (CFP, 2013).

A escola é uma estrutura organizada que define processos e práticas de ensino, porém raramente se reflete sobre as instituições e valores subjacentes às relações escolares. Com as equipes de educação operando cada vez mais rapidamente, muitos

educadores, estudantes e famílias enfrentam desafios crescentes, sem clareza sobre como propor alternativas. Dito isso, mais recentemente, a Psicologia tem lidado com novas configurações familiares, movimentos juvenis por identidades sexuais e questões de diversidade racial e étnica. Esses desafios e as variadas formas de preconceito e violência no ambiente escolar refletem problemáticas sociais e estruturais mais amplas (CFP, 2013).

Por exemplo, uma das violências mais vivenciadas no ambiente escolar é o bullying. Na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2019 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 23,0% dos escolares afirmaram ter sofrido esse tipo de violência. Os percentuais foram maiores entre as meninas (26,5%) do que entre os meninos (19,5%). Os escolares de 13 a 15 anos tiveram os percentuais maiores tanto para as meninas (27,7%) quanto para os meninos (20,4%), comparados com as meninas (24,2%) e meninos (17,8%) de 16 e 17 anos (IBGE, 2021).

O bullying é caracterizado por atos de violência física ou verbal, ocorrendo de forma contínua e intencional, envolvendo um ou mais indivíduos. A violência escolar manifesta-se de diversas maneiras, sendo mais comum durante a infância e adolescência. Atualmente, o bullying tornou-se mais evidente, frequentemente praticado por professores, colegas de classe e outras figuras presentes no ambiente escolar. Ele se expressa, na maioria das vezes, de maneira autoritária, impactando os relacionamentos interpessoais. Esse autoritarismo ou exercício de poder sobre o outro pode gerar no alvo comportamentos agressivos, tanto contra si mesmo quanto contra os outros (Ferreira e Alvez, 2019).

Com isso, o psicólogo escolar desempenha um papel fundamental na capacitação de professores e outros profissionais da educação. A formação continuada dos educadores sobre estratégias de prevenção ao bullying é uma das maneiras mais eficazes de assegurar um ambiente escolar seguro para todos. Ao fomentar a criação de equipes multidisciplinares que atuam diretamente no combate ao bullying, o psicólogo contribui para o fortalecimento da comunidade escolar como um todo (Rodrigues e Amorim, 2024).

O Conselho Federal de Psicologia, lança em 2023 a nota técnica nº 8/2023 que tem como objetivo apresentar às psicólogas e psicólogos recomendações para o exercício profissional no ambiente escolar em situações de violência. Assim, é importante reconhecer que a violência escolar é um fenômeno complexo e multideterminado, que se manifesta de maneira sistemática em sociedades marcadas por profundas desigualdades econômicas e sociais (CFP, 2023).

É importante que a psicóloga escolar reconheça as diversas manifestações do bullying para pensar nas possibilidades de enfrentamento do fenômeno. Ouvir estudantes é fundamental. Planejar ações preventivas nas salas de aula e na escola, como parte do projeto político pedagógico, é o que direciona as ações frente às violências (CFP, 2023).

Ao longo dos anos os termos habilidades e competências socioemocionais começaram a ser debatidos, popularizados na área organizacional e escolar. Em 2015, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) publicou um relatório que resume três anos de pesquisa realizada em diversos países sobre as competências socioemocionais, destacando perspectivas promissoras para seu desenvolvimento eficaz. Os dados revelam transformações na dinâmica entre educadores e crianças, caracterizadas por um fortalecimento dos vínculos. O relatório também demonstra que as competências socioemocionais podem ser avaliadas, o que possibilita abordagens adaptadas a diferentes contextos sociais e culturais (OCDE, 2015).

Já no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), lançada em 2018 e exigida pela Constituição Federal e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, estabelece aprendizagens essenciais para todos os estudantes brasileiros e promove a educação integral, visando o desenvolvimento em diversas dimensões. O documento apresenta 10 competências gerais para a Educação Básica, como conhecimento, pensamento crítico, comunicação, cultura digital, empatia e cidadania, que devem ser trabalhadas de forma contínua ao longo da trajetória escolar dos alunos (BRASIL, 2018).

Dessa forma, tentando relacionar alguns quesitos básicos do currículo escolar com uma demanda que pode ser observada nesse ambiente, o bullying, abre-se caminhos para trabalhar a prevenção e combate a essa violência através do desenvolvimento de habilidades socioemocionais. As competências ou habilidades socioemocionais podem ser descritas como características individuais que surgem da interação recíproca entre predisposições biológicas e fatores ambientais; se expressam em padrões consistentes de pensamentos, sentimentos e comportamentos; continuam a se desenvolver através de experiências de aprendizado formais e informais; e exercem influência em importantes resultados socioeconômicos ao longo da vida do indivíduo (IAS, 2021).

Estudos demonstraram que as competências socioemocionais são tão importantes quanto as competências cognitivas para obtenção de bons resultados para a vida, nas diferentes esferas. Pessoas com habilidades socioemocionais mais desenvolvidas apresentam maior facilidade para aprender novos conhecimentos,

autoconhecer-se e conviver em sociedade, além de experienciar situações de forma mais positiva (IAS, 2021).

No modelo organizativo socioemocional adotado pelo Instituto Ayrton Senna, compreende 5 macrocompetências e 17 competências socioemocionais. As cinco macrocompetências são: autogestão que indica a tendência à capacidade de ser organizado, esforçado, ter objetivos claros e saber como alcançá-los de maneira ética e se relacionam com a habilidade de fazer escolhas em relação à vida profissional, pessoal ou social, estimulando a liberdade e a autonomia; engajamento com os outros que diz respeito à motivação, à abertura para interações sociais e é definida pelos interesses e energia direcionados ao mundo externo, pessoas e coisas; amabilidade que explica o grau com que uma pessoa é capaz de agir, ao socializar com outras pessoas e/ou grupos sociais, baseada em princípios e sentimentos de compaixão, justiça, acolhimento e afeto; resiliência emocional que está relacionada ao grau com que uma pessoa é capaz de lidar com as próprias emoções, regulando os níveis de raiva, insegurança e ansiedade; e por fim abertura ao novo que indica a tendência a ser aberto a novas experiências estéticas, culturais e intelectuais e apresentar mentalidade investigativa e curiosa acerca do mundo (IAS, 2021).

Com isso, podemos observar um meio para trabalhar com a demanda apresentada. Agressores tendem a apresentar baixa amabilidade e resiliência emocional. Testemunhas, consideradas como as pessoas que presenciam o ato violento, mas não apresentam qualquer ação pró ou contra a vítima, tendem a apresentar baixo engajamento com os outros e amabilidade, e as vítimas tendem a exibir baixo nível de desenvolvimento socioemocional em autogestão, engajamento com os outros, amabilidade e resiliência emocional (IAS, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa, não foram encontrados, nas bases de dados consultadas com os parâmetros utilizados, trabalhos que referenciem de forma direta a relação entre o desenvolvimento de habilidades socioemocionais como fator de proteção contra o bullying. Porém, os trabalhos selecionados, de alguma forma, associam as habilidades de amabilidade, resiliência emocional, engajamento com os outros e autogestão com a demanda apresentada, além de alguns citarem a importância de se trabalhar as

competências sociais e emocionais nesse contexto. Foram selecionados sete artigos, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 – Artigos selecionados nos banco de dados.

Autor e Ano	Banco de Dados	Título
Oliveira et al., 2021.	<i>Scielo</i>	Bullying e Mecanismos de Desengajamento Moral: Revisão Sistemática da Literatura com Metanálise.
Ferreira, Oliveira Junior e Higarashi, 2024.	<i>Scielo</i>	“Eu não sei como eu tenho força pra vir na escola”: Manifestações e Implicações do Bullying entre Adolescentes Escolares.
Silva et al., 2022.	<i>Scielo</i>	Bullying e Habilidades Sociais de Estudantes em Transição Escolar.
Gomes e Bittar, 2021.	<i>Scielo</i>	Percepções de Professores e Alunos sobre a Violência Escolar: Um Estudo Qualitativo.
Mezzalira, Fernandes e Santos, 2021.	<i>Scielo</i>	Os Desafios e as Estratégias da Psicologia Escolar no Enfrentamento do Bullying.
Silva. 2019.	<i>Lilacs</i>	Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015.
Alcantara et al., 2021.	<i>Lilacs</i>	Violência entre pares, clima escolar e contextos

Fonte: Autoria própria, 2024.

Oliveira e seus colaboradores em seu trabalho faz uma revisão sistemática da literatura, utilizando metanálise para avaliar a prevalência e os impactos desses mecanismos no comportamento de agressores. Os mecanismos de desengajamento moral, conforme descritos por Bandura, referem-se às estratégias psicológicas que permitem que indivíduos justifiquem comportamentos antiéticos ou prejudiciais, como a minimização das consequências ou a desumanização da vítima. No contexto do bullying, tais mecanismos permitem que os agressores mantenham suas ações sem sentir culpa ou remorso (Oliveira et al., 2021).

Trazendo isso para a perspectiva das habilidades socioemocionais, quando o aluno se utiliza do desengajamento moral, ele também deixa de trabalhar a amabilidade, que tem a ver com empatia e respeito, assim como a resiliência emocional, que está relacionada à tolerância. O trabalho de Oliveira apresenta implicações práticas e de pesquisa. Em termos práticos, é essencial incluir temas como empatia e tolerância à diversidade nos programas de intervenção antibullying. Além disso, é recomendável que estudantes envolvidos em comportamentos de bullying participem de atividades que esclareçam os impactos negativos de suas ações e promovam formas de resolução de conflitos de maneira não-violenta (Oliveira et al., 2021).

Em um estudo sobre a prática de bullying e o desenvolvimento de habilidades sociais em estudantes que estão passando por fases de transição escolar, Silva e colaboradores destacam que estudantes com habilidades sociais bem desenvolvidas tendem a ser mais capazes de lidar com a pressão social e os conflitos que surgem durante essa transição. Eles são menos propensos a se envolver em comportamentos agressivos ou a se tornarem alvos de bullying. Por outro lado, alunos com déficits nessas habilidades estão mais vulneráveis ao bullying, seja por dificuldade em se defender ou por usarem a agressão como forma de lidar com a insegurança social (Silva et al., 2022).

Um outro trabalho aborda como o bullying pode ser ignorado e subestimado pelos adultos na escola, como professores e gestores, o que agrava a sensação de desamparo das vítimas. A falta de suporte e intervenções eficazes para lidar com o problema contribui para o prolongamento do sofrimento dos jovens. Além disso, conclui que essa violência não é um problema escolar, mas um fenômeno social que exige a implementação de

políticas preventivas e ações educativas que promovam o respeito e a inclusão. Além disso, o apoio emocional e psicológico para as vítimas é visto como fundamental para ajudá-las a superar o trauma e melhorar sua qualidade de vida (Ferreira, Oliveira Junior e Higarashi, 2024).

Em contra ponto, Gomes e Bittar (2021) destaca a sensação de impotência dos professores frente à violência, mencionando a falta de apoio institucional e de estratégias eficazes para lidar com o problema. Os alunos, por sua vez, indicam que o bullying está muitas vezes associada à ausência de diálogo e à falta de recursos para resolver conflitos de maneira pacífica. Dessa forma, percebe-se a falta de engajamento com os outros que é uma habilidade socioemocional que está relacionada com a assertividade, é uma competência que diz respeito a como se expressar, defender suas opiniões, necessidades e sentimentos, além de mobilizar as pessoas, de forma precisa. Quando a situação exige, precisamos ser capazes de fazer-nos ouvir para dar voz aos sentimentos, necessidades, opiniões e exercer influência social (IAS, 2021).

Além disso, um clima escolar positivo, caracterizado por um ambiente acolhedor e colaborativo, pode proteger os alunos contra os efeitos negativos da violência, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento saudável. Por outro lado, escolas com um clima tenso ou negligente tendem a ver maior incidência de conflitos entre pares e menor suporte emocional para as vítimas de bullying (Alcantara et al., 2021).

Mezzalira, Fernandes e Santos (2021) em seu artigo aborda o papel da psicologia escolar no combate ao bullying, destacando os desafios enfrentados e as estratégias adotadas por psicólogos escolares. Os principais desafios mencionados incluem a complexidade do fenômeno que envolve diferentes formas de agressão (física, verbal, relacional e cibernética), além das dificuldades em identificar vítimas e agressores, uma vez que o bullying muitas vezes ocorre de forma sutil e disfarçada. Outro obstáculo importante é a falta de formação especializada dos profissionais e a escassez de recursos e apoio institucional para implementar programas eficazes.

Os autores também discutem estratégias para enfrentamento dessa violência. Entre elas, está a promoção de atividades que desenvolvam competências socioemocionais, a criação de espaços de diálogo e escuta ativa dentro das escolas e o envolvimento de toda a comunidade escolar em ações de conscientização. A mediação de conflitos e o incentivo à empatia são apontados como ferramentas fundamentais na

construção de um ambiente escolar mais acolhedor (Mezzalira, Fernandes e Santos, 2021).

Por fim, o psicólogo escolar pode e deve trazer esse fenômeno para reflexão em conjunto com toda a comunidade escolar, envolvendo alunos, educadores e familiares. Além disso, é importante desenvolver ações nas escolas que abordem a ineficácia de responsabilizar exclusivamente os indivíduos pelos casos de bullying (Mezzalira, Fernandes e Santos, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou algumas justificativas para o bullying e seus impactos na vítima e na comunidade escolar, enfatizou a importância do apoio institucional e ressaltou o papel dos psicólogos escolares no enfrentamento dessa violência, recorrendo ao uso das competências socioemocionais e à criação de espaços de diálogo.

Os estudos destacam a importância de políticas abrangentes e da formação de estratégias para combater o bullying, mas também evidenciam a complexidade do problema, que exige o envolvimento de toda a comunidade escolar e apoio constante. Um dos pontos centrais está na necessidade de uma estrutura institucional robusta, algo ainda deficiente em muitas escolas, para criar um ambiente que não só previna a violência, mas também seja acolhedor e fortalecedor para todos os alunos.

Este trabalho tem como propósito incentivar a pesquisa sobre o tema e destacar um meio que pode ser uma ferramenta na prevenção e no combate ao bullying, sem o objetivo de esgotar a discussão sobre a temática ou de tornar as habilidades socioemocionais o único recurso no enfrentamento do problema. Por fim, são necessárias mais pesquisas sobre a relevância dessa prática como um fator de proteção ao bullying, desenvolvida no ambiente escolar por profissionais psicólogos.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui deixar o meu reconhecimento ao Grupo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Psicologia Escolar e Educacional (GIEPEPEE) da Faculdade de Quixeramobim – FAUNIQ, em especial aos professores Eduardo Mendes e Valécia

Carvalho, pelo apoio e incentivo à produção de conhecimento científico no Sertão Central Cearense.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, S., GONZÁLEZ-CARRASCO, M., MONTSERRAT, C., CASAS, F., VIÑAS-POCH, F., & ABREU, D. Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. **Ciência & Saúde Coletiva**, 24(2), p. 509-522. 10.1590/1413-81232018242.013020171. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Nota técnica CFP nº 8/2023: A psicologia na prevenção e enfrentamento à violência nas escolas. Brasília: CFP, 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica. Brasília, 1ª Edição, 2013.

FERREIRA, D. R.; OLIVEIRA JUNIOR, I. B; HIGARASHI, I. H. “Eu não sei como eu tenho força pra vir na escola”: manifestações e implicações do bullying entre adolescentes escolares. **Saúde e Sociedade**, v. 33, n. 1, p. e220692pt, 2024.

FERREIRA, R. M; ALVES, G. L. O bullying no ambiente escolar. In: Vol IV, 2019.

GOMES, G. M. R. E B.; BITTAR, C. M. L. Percepções de Professores e Alunos Sobre a Violência Escolar: Um Estudo Qualitativo. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e223900, 2021.

INSTITUTO AYRTON SENNA [IAS]. **Competências socioemocionais: a importância do desenvolvimento e monitoramento para educação integral**. São Paulo: IAS, 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2019. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2021.

MEZZALIRA, A. S. DA C.; FERNANDES, T. G.; SANTOS, C. M. L. Os Desafios e as Estratégias da Psicologia Escolar no Enfrentamento do Bullying. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e237016, 2021.

OLIVEIRA, W. A. et al. Bullying e mecanismos de desengajamento moral: revisão sistemática da literatura com metanálise. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e223346, 2021.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICOS (OCDE). Estudos da OCDE sobre competências socioemocionais: competências para o progresso social. – São Paulo – Fundação Santillana, 2015.

PAZ, F. M; FRAGA, I. M. As contribuições da Psicologia Escolar no enfrentamento ao bullying. v. 6 n. 12: **Conecte-Se! Revista Interdisciplinar de Extensão**. 2022

RODRIGUES, R. G; AMORIM A. A. L. Atuação do Psicólogo e a Violência nas Escolas: Estratégias de Prevenção Ao Bullying: Estratégias de Prevenção Ao Bullying. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 9, n. 1, 2024.

SILVA, J. L. et al. *Bullying* e Habilidades Sociais de Estudantes em Transição Escolar. **Psico-USF**, v. 27, n. 1, p. 17–29, jan. 2022.

SILVA, J. L. et al. Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 28, n. 2, e2018178, jun. 2019.

IMPORTANTE:

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção.

Após aceitos, serão permitidas apenas correções ortográficas. Os casos serão analisados individualmente.